



Souza, S. (2017). "Construções discursivas sobre o universo do trabalho nas crônicas de Machado de Assis: o caso da crônica 8 de Outubro, da Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro)". *Estudios de Teoría Literaria. Revista digital: artes, letras y humanidades*, 6 (12), 183-197.

Construções discursivas sobre o universo do trabalho nas crônicas de Machado de Assis: o caso da crônica 8 de Outubro, da Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro)

Discursive Constructions on the Universe of Work in the Machado de Assis cronic: the case of the chronic October 8, from Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro)

Sueder Souza¹

Angela Maria Rubel Fanini

Recibido: 26/09/2016

Aceptado: 28/12/2016

Publicado: 08/09/2017

Resumen²

Suponiendo el discurso como una construcción lingüística y vinculado al contexto social, no como lo que el texto ha desarrollado, establecemos que el hombre no sólo piensa en el trabajo, cómo trabaja con eficacia, sino que establece relaciones de trabajo y escribe sobre el

Abstract

Assuming that the speech, being a linguistic construction, is linked to the social context in which the text is developed thus established the relationship that man not only think about work, how to effectively work, talks about working sets labor relations and ultimately

¹ Discente do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Curitiba/PR – Brasil. Bolsista do Programa de Iniciação Científica do CNPq e membro dos Grupos de Pesquisa em: Estudos da Linguagem; Letramento, Prática Docente e Tecnologia; Ciências Humanas, Tecnologia e Sociedade; Discursos sobre Trabalho, Tecnologia e Identidades; e Estudos dos Sons da Fala. Trabalho Desenvolvido com o Apoio Financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Orientadora: Angela Maria Rubel Fadini - Doutora em Letras pela UFSC, Professora da Graduação em Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, na Linha de Pesquisa Tecnologia e Trabalho, da UTFPR. É bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. Contacto: swedersouza@gmail.com.

² Resumo: Partindo da premissa de que o discurso, sendo ele uma construção linguística, é atrelado ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, estabelecemos a relação de que o homem não apenas pensa sobre trabalho, mas efetivamente trabalha, fala sobre trabalho, estabelece relações trabalhistas e em última instância, escreve sobre trabalho, mas, principalmente, o reflexo que esse construto –relação trabalho-linguagem– tem na literatura. Assim, ao estabelecermos a relação entre trabalho e linguagem, fazendo uso principalmente das teorias de Engels (1986) e de Bakhtin (2002) é que iremos analisar a crônica de Machado de Assis intitulada 8 de Outubro. Dessa forma, analisaremos as relações discursivas sobre o trabalho, estabelecidas por Machado de Assis, levando em conta o contexto editorial do século XIX e a referência sobre o universo trabalhista que mais representasse ideologicamente o discurso sobre trabalho. Palavras-chave: Análise do Discurso; formação discursiva; linguagem e trabalho; trabalho em Machado de Assis.



trabajo. Así, sobre esta construcción –relación trabajo-lenguaje– establecemos una relación entre el trabajo y el lenguaje, especialmente haciendo uso de las teorías de Engels (1986) y Bakhtin (2002), a partir de las que vamos a analizar la crónica de Machado de Assis titulada *8 de Outubro*. Por lo tanto, se analizan las relaciones discursivas acerca del trabajo, creadas por Machado de Assis, teniendo en cuenta el contexto editorial del siglo XIX, y la relación ideológica que representa el discurso del trabajo.

Palavras-chave

Análisis del Discurso; formación discursiva; lengua y trabajo; trabajo en Machado de Assis.

writes about work, but mainly the reflection that this construct - relationship between work and language - has in the literature. Thus, by establishing the relationship between work and language, making use mainly of Engels' theory (1986) and Bakhtin's theory (2002) it is that we will examine the chronicle of Machado de Assis entitled *8 de Outubro*. Thus, we will analyze the discursive relations on the work established by Machado de Assis, taking into account the editorial context of the nineteenth century and its relation about the universe of work and the ideological represented in the discourse on work.

Keywords

Discourse Analysis; training discourse; language and work; work in Machado de Assis.

Contextualizando

Partindo da premissa de que o discurso, sendo ele uma construção linguística, é atrelado ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, assim, estabelece a relação de que o homem não só pensa sobre trabalho, como efetivamente trabalha, e também fala sobre trabalho, estabelece relações trabalhistas e em última instância, e o que mais levaremos em conta aqui, escreve sobre trabalho.

Assim, ao estabelecermos a relação entre trabalho e linguagem, fazendo uso principalmente das teorias de Engels (1986), a respeito da evolução do homem com base no trabalho, e de Bakhtin/Voloshinov (2002), com a perspectiva dialógica, e também versando sobre as questões do trabalho, da vida e da linguagem, refletidas por Foucault (2007), é que iremos analisar a crônica de Machado de Assis intitulada *8 de Outubro*. A crônica escolhida para compor o *corpus* dessa pesquisa circulou no dia 8 de Outubro de 1893, no jornal *Gazeta de Notícias*, na coluna *A Semana*, se tratando da vida do livreiro Baptiste Louis Garnier e de sua relação com universo do trabalho editorial, expressas pelas palavras de Machado de Assis. Seis anos depois da publicação no *Gazeta de Notícias*,³ a crônica foi publicada no livro *Páginas Recolhidas*, originalmente editado pela Editora Garnier em 1899.⁴

Optamos por tal gênero por versar sobre um estilo de narração curta a qual tem por base fatos do cotidiano, tornando o leitor mais próximo da história. Ainda, a sátira, a ironia, o uso da linguagem coloquial demonstrada na fala das personagens, a exposição dos sentimentos e a reflexão sobre o que se passa estão presentes nas crônicas, entre outras características, como: descreve fatos da vida cotidiana; pode elaborar uma linguagem de caráter humorístico, crítico, satírico e/ou irônico; possui personagens comuns; segue um tempo cronológico determinado, etc. Selecionamos a crônica por esta estar mais atrelada ao cotidiano e demonstrar melhor a ideologia do cotidiano do trabalho presente na sociedade oitocentista da época.

³ A crônica também está presente na *Obra Completa, de Machado de Assis*, vol. III, publicado em 1994 pela Editora Nova Aguilar.

⁴ Nesse ano a Editora já estava sob direção de Hippolyte Garnier, irmão de Baptiste Louis Garnier.

Dentre as características mais relevantes do gênero crônica, partimos da premissa de que a crônica de Machado de Assis, trata-se de um relato pessoal e opinativo, assim, carregado ideologicamente, sobre um determinado fato cotidiano, por isso nada mais peculiar do que trabalhar com tal gênero para podermos identificar como o escritor constrói certa identidade para o trabalhador, representado através da literatura, como uma produção cultural, e assim se aproximando do mundo do trabalho, representando-o com um olhar peculiar e específico.

Este *corpus* serve então como material para analisarmos as relações discursivas sobre o trabalho, estabelecidas por Machado de Assis, levando em conta o contexto editorial do século XIX e sua relação com o livreiro.⁵ Dessa forma, não optamos por trabalhar com o gênero romance, conto, peça ou outro gênero escrito pelo autor, pois os critérios estabelecidos para a seleção da crônica concentraram-se na que possuísse maior referência sobre o universo trabalhista e a que mais representasse ideologicamente o discurso sobre trabalho. E ainda, o discurso literário, no caso do gênero crônica, alcança um *status* de grande importância por ser uma fonte de conhecimento acerca de como o escritor percebe as formações sociais, no caso, seu discurso em relação ao o universo extraliterário do trabalho e como ele o representa através do gênero crônica, levando em conta as características subjacentes do gênero em questão.

A Representação do Trabalho na vida do Homem

Ao estabelecermos a relação de que o homem não só pensa sobre trabalho, como ele efetivamente trabalha, fala sobre trabalho, estabelece relações trabalhistas e escreve sobre trabalho, temos como um dos aportes teóricos para a análise do nosso *corpus* –como mencionado acima– o texto de Friedrich Engels intitulado *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*, no qual o autor tece considerações sobre o processo de transformação do macaco em homem, partindo da premissa de que o trabalho não é só responsável só pela riqueza de bens produzidos, mas sim pela criação do homem. Dessa forma o homem teria então um papel determinante no processo de transformação do macaco em homem, uma vez que o corpo dos macacos evoluiu com o passar dos anos e a cada mudança; como por exemplo, a saída dos galhos para começar a caminhar no chão, o organismo também se alterava e, devido a esse e a inúmeros outros novos hábitos, sejam físicos, habituais ou biológicos, é que tem início esse processo de mutação, de transformação do macaco em homem.

As influências do homem na natureza originam-se da distância cada vez maior que ele tinha do mundo animal, essa distância com a natureza é representada através do trabalho, pois através deste, o homem almeja atingir objetivos pré-determinados, transformando a natureza e a si mesmo ao criar um ambiente humano e apropriado à sua sobrevivência. É dessa forma que Engels estabelece a principal diferença entre o macaco e o homem, pois enquanto o homem age sobre a natureza, modificando-a, conforme suas necessidades e suas vontades, o animal aproveita o que a natureza oferece e assim não modifica. Colocando em poucas palavras, o homem acredita dominar a natureza enquanto o animal se utiliza dela (Engels 1986: 33).

O ponto de reflexão do autor é a relação que ele estabelece entre o caminhar dos macacos e a mutação desse meio –as mãos–. As mãos eram o meio que os macacos tinham

⁵ A crônica ainda se configura como um réquiem de Machado de Assis a seu amigo, que morreu no dia 1 de Outubro de 1893, uma semana antes da circulação da crônica.

para caminhar e, uma vez estabelecendo-as para este fim, naturalmente sofreram mutação, sendo utilizadas para outros fins. É dessa forma que Engels conclui que o nosso corpo não é apenas um órgão de trabalho, mas também um produto dele, o que se deve ao aperfeiçoamento do corpo, advindo de suas novas funções e a transmissão hereditária destes. (Engels 1986: 21-22). À medida em que surgiam necessidades humanas, o trabalho também ia se modificando, assim, para Engels (1986) o trabalho se configura como “a primeira condição básica para toda a existência humana, e isto em tal grau que, em certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (Engels 1986: 1).

Outro ponto importante é a expressão trabalho intelectual empregada por Karl Marx, se referindo à atividade de controle sobre a transformação da natureza (o trabalho manual) peculiar às sociedades de classe e, não, a uma pretensa dualidade cabeça/mão que cavaria um abismo ontológico entre as atividades espirituais e as atividades materiais (Marx 1985). O que distingue então a materialidade humana da natureza são suas leis e sua história porque, diferente do ser natural, a legalidade social brota das ações humanas e não dos processos biológicos, químicos ou físicos do mundo natural.

Dessa forma, a crônica escolhida para este trabalho, configura-se como um trabalho imaterial e sendo o corpo um órgão de trabalho, mas também um produto deste, como afirma Engels (1986), Assim, veremos como a crônica descreve e narra o que é o trabalho humano, especificamente o do livreiro.

Homem, Linguagem e Trabalho

Os pensadores do Círculo russo, Bakhtin e os demais, mesmo vinculados ao ideal marxista, afirmam que a linguagem foi deixada em segundo plano. Dessa forma, sabemos que para o ideal marxista a centralidade é voltada ao trabalho, ao fazer humano, deixando a linguagem de lado, podendo ser entendida apenas como instrumento de comunicação. Este projeto acredita que tanto o trabalho quanto a linguagem são dimensões do homem. A tradição marxista enfatiza só o trabalho.

Assim, ao empreender a análise da crônica em questão, não se pode perder de vista a instabilidade e incerteza da palavra ideológica, como colocam os autores. A palavra contém em si um jogo de opinião, sempre manifesto na crônica, um jogo de opostos em que há a qualificação de um discurso para desqualificação de outro, em que há pressupostos e implícitos, palavras com diversos sentidos, existindo dentro de uma lógica da conotação, mais do que da denotação, tudo isso dentro de um reino de opiniões sobre isto ou aquilo.

Dessa forma, entendemos que o discurso literário não reproduz a estrutura material, mas sim, dialoga com ela. Partindo dos pressupostos mencionados e acreditando também na interação entre linguagem e contexto tanto imediato quanto de longa duração, os sujeitos que falam são historicamente determinados e limitados a essas determinações. O discurso operacionaliza-se voltado para o passado e para o futuro, pois recupera o já dito e se formaliza em virtude do que será dito, sendo duplamente orientado, vinculando-se ao contexto imediato, mas também recuperando o passado (Bakhtin 1997).

Assim, o discurso literário se constituiu duplamente orientado, no caso da crônica, a análise destacará o discurso sobre o trabalho, como um fato social, pois Machado de Assis relata o cotidiano da vida de Baptiste Louis Garnier, focando na sua rotina diária e de toda uma vida rodeada de trabalho, o que acarretou essa inserção exacerbada no universo trabalhista em sua vida pessoal e quais foram os reflexos que esse *labor* deixou em sua vida. Machado de Assis, se manifestado discursivamente, através da crônica, para representar uma imagem desse livreiro, retrata-o como um incessante trabalhador.

Para tanto, a conexão entre trabalho e linguagem funde-se à medida que o homem se

distancia da natureza, referenciando aqui Karl Marx (1973), em relação com a apropriação de terras. Essa, não é produto do trabalho, embora seja seu pressuposto mais fundamental. A atitude de se apropriar da terra é vista então como uma ação necessariamente coletiva, como Marx (1973) mesmo coloca: “assim como um indivíduo isolado não poderia ter uma linguagem, tão pouco poderia ter a propriedade do solo; quando muito poderia nutrir-se dele como substância, como os animais” (Marx 1973: 445).

E, como a linguagem é, num aspecto, o produto de uma comunidade, mas, em outro, é a própria existência da comunidade, e ainda, como a atitude da apropriação que ao mesmo tempo é pressuposto do trabalho, em a comunidade como pressuposto, levamos aqui estes dois construtos simultaneamente, em que tanto o trabalho quanto a linguagem são centrais para e na vida do homem.

Contexto Histórico do Trabalho, na segunda metade do século XIX

Depois de termos nos situado na relação que o homem estabelece com o universo do trabalho, da importância que tem seu discurso, da relação estabelecida entre trabalho e linguagem, partiremos para o contexto histórico da segunda metade do século XIX, mais precisamente a partir da década de 1840, quando Baptiste Louis Garnier chegou ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, onde estabeleceu, em 1844, a filial da livraria que tinha em parceria com seus irmãos, com sede na França, a *Garnier Frères*.

Como aponta Hallewell (1985), Garnier resolveu “(...) transferir-se para o Brasil, pensando com razão que num país novo e cheio de ambição haveria lugar propício para o desenvolvimento dessa especialidade comercial. Ele chegou ao Rio de Janeiro em 24 de junho de 1844” (Hallewell 1985: 127-128).

No contexto de sua chegada ao Brasil, aconteceu, por meio de uma medida constitucional, a maioria antecipada de Pedro de Alcântara, por volta de seus catorze anos, ocasionando assim a sua coroação como Dom Pedro II, assumindo o trono e o governo imperial. Iniciou-se então o Segundo Reinado, que permeou até 1889. Tal medida foi uma iniciativa dos políticos pertencentes ao Partido Liberal como uma alternativa ao governo regencial (1831-1840), que era apontado na época como a principal causa das frequentes rebeliões e agitações sociais do Brasil.

A paz interna advinda com o governo de Dom Pedro II favoreceu a consolidação dos interesses da classe dominante representada pelos grandes proprietários rurais. O governo imperial brasileiro relutava em cumprir os acordos, leis e tratados firmados com a Inglaterra, país cujos interesses econômicos a levaram a defesa da extinção do tráfico de escravos. Em 1850, o Brasil cedeu às pressões dos ingleses, promulgando a Lei Eusébio de Queirós, que levou a extinção definitiva do tráfico internacional, o que acarretou em mão de obra interna, ou seja, embora o tráfico internacional tenha cessado, no Brasil ainda reinava a escravidão. A proibição do tráfico negreiro levaria inevitavelmente ao fim o trabalho escravo. Mas a classe dominante adiou o quando pôde a abolição da escravidão no país. Para solucionar o problema da crescente escassez de mão de obra, os fazendeiros recorreram inicialmente ao tráfico interno de escravos, comprando-os de regiões economicamente decadentes.

Quando o problema da falta de mão de obra escrava agravou-se, os prósperos fazendeiros paulistas colocaram em prática uma política de incentivo à imigração de colonos, que passaram a trabalhar sob regime assalariado. Desse modo, gradualmente, a monarquia foi perdendo legitimidade diante dos novos interesses e aspirações sociais que surgiram. Além disso, a partir da década de 1870, o Estado monárquico entrou em conflito com duas instituições importantes que formavam a base de sustentação do regime: o Exército e a Igreja

Católica. Uma aliança entre os ricos proprietários rurais do oeste paulista e a elite militar do Exército levou a derrocada final do regime monárquico, com a proclamação da República.

A partir da segunda metade do século XIX, já em 1893, época de publicação da crônica de Machado de Assis, a sociedade brasileira sofreu grandes transformações. De sociedade agrária, latifundiária, escravocrata e aristocrática passou a ser uma civilização burguesa, urbana e agrária. A mão-de-obra escrava aos poucos foi substituída pelos imigrantes europeus assalariados que vinham trabalhar na lavoura cafeeira. Esses eram os trabalhadores da época, dentre suas profissões, fica difícil estabelecer qual era a mais remunerada, visto que existia grande número de trabalho terceirizado por parte da classe burguesa (Fausto 2001).

Podemos observar a hierarquia da época através da Pirâmide Social, que representa a organização da sociedade brasileira colonial em duas regiões distintas.

Quadro I – Pirâmide Social do Século XIX



As duas pirâmides representam respectivamente a sociedade mineradora e a sociedade açucareira. A primeira pirâmide apresenta maior diversidade e complexidade social composta por grandes mineradores, autoridades reais, tropeiros, oficiais, burocratas, soldados, clérigos, profissionais liberais, pequenos mineradores e escravos. Por outro lado a segunda pirâmide mostra menos componentes: senhores de engenho, escravos e dependente, é importante ressaltar que também havia uma tênue camada média for trabalhadores livres (carpinteiros, mestres de açúcar, feitores, etc.).

A diferença na composição social das duas pirâmides se deve ao fato de que o ouro possibilitava maior chance de ascensão social, apesar do fato de que poucos se beneficiaram dela. Entretanto, cabe ressaltar que a mineração estimulou outras atividades econômicas tais como o comércio interno responsável pelo abastecimento das regiões mineradoras. As atividades urbanas também ganharam destaque com o desenvolvimento da economia mineradora.

O Contexto Editorial na segunda metade do Século XIX: Garnier Frères

Dentre as várias livrarias do Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor, enquanto algumas eram pertencentes a franceses, como Plancher e Villeneuve, outras eram filiais de firmas já existentes na França, como Mongie, Aillaud e Bossange. Destacam-se entre esses os Irmãos Firmin Didot, mas na ordem de importância, a mais destacada foi a *Garnier Frères*, que funcionou no Brasil de 1844 a 1934, segundo aponta a literatura. Os irmãos Auguste e Hippolyte Garnier começaram a trabalhar como balconistas de livraria em Paris, em 1828, e mais tarde abriram seu próprio negócio. O irmão mais novo, Baptiste Louis Garnier, nascido

em 4 de março de 1823, trabalhou para seus irmãos até 1840, e depois foi para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 24 de junho de 1844.

Segundo Hallewell (1985), após dois anos de acomodações temporárias, instalou-se na Rua do Ouvidor, nº 69 (mais tarde renumerada 65), e permaneceu ali até 1878, mudando-se para o nº 71, em frente ao seu principal concorrente, a “Livraria Universal”, de E. & H. Laemmert. Até 1852, a firma denominava-se “Garnier Frères”,⁶ depois, “B. L. Garnier”,⁷ e acredita-se que tenha se separado dos irmãos entre 1864 e 1865.

No início da década de 1870, Garnier teve sua própria tipografia, a “Tipografia Franco-americana”. No conjunto, Garnier tem o crédito de 655 trabalhos de autores brasileiros publicados, entre 1860 e 1890, além de várias traduções, do francês, de romances mais populares. Em 1891, com saúde precária, Baptiste iniciou negociações para a venda de sua empresa, mas insatisfeito com os preços, desistiu, falecendo 3 anos depois, em 1º de outubro de 1893; a firma passou para seu irmão Hippolyte, que residia em Paris, voltando assim à condição inicial de filial da “Garnier Frères” no Rio de Janeiro (Hallewell 1985).

Hippolyte Garnier tinha 77 anos quando seu irmão Baptiste morreu. A Garnier na França acabou sendo, nas décadas de 1890 e 1920, a principal editora de literatura hispano-americana em todo o mundo. A morte de Baptiste, assim como dos irmãos Laemmert, causou uma estagnação no mercado livreiro brasileiro, além de que a queda do império transformou completamente o clima social. Em 1898, Hippolyte mandou ao Rio de Janeiro um novo gerente, Julien Lansac, e seu assistente chefe passou a ser Jacinto Silva, que teve grande autonomia, pelas dificuldades de Julien falar a língua portuguesa. Hippolyte mandou reformar as instalações da Garnier, que foi inaugurado com gala. Cada um dos convidados foi presenteado com um exemplar da 2ª edição de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, autografado. Por volta de 1904, Jacinto Silva saiu da firma e foi dirigir o departamento de livros da Casa Garraux, em São Paulo, e em 1920 instalou sua própria “Casa Editora O Livro”, que foi o centro do movimento modernista.

Hippolyte Garnier morreu aos 95 anos em 1911, e Lansac voltou à França em 1913; os negócios passaram para um sobrinho, Auguste P. Garnier, que enviou para o Rio de Janeiro outro gerente francês, Émile Izard. A partir de então, a Garnier entrou em decadência, com poucas publicações, e o fim chegou perto de 1934, quando a Livraria Garnier foi vendida a Ferdinand Briguiet. Quando a Garnier foi vendida, passou a usar o nome Livraria Briguiet-Garnier, e durou até 1951, quando a “Difusão Européia do Livro” assumiu a filial brasileira da Garnier. Depois de tudo o edifício da Garnier foi demolido em 1953, para dar lugar a um Banco, segundo aponta Hallewell (1985).

O Livreiro Editor Garnier

No contexto editorial do século XIX, o nome de B. L. Garnier⁸ era recorrente e de grande importância para o cenário editorial brasileiro, como podemos ver diretamente pelo excerto retirado da coluna *Noticiário* do jornal *Sexo Feminino*:⁹

⁶ Garnier Irmãos.

⁷ *Livraria B.-L. Garnier*, nome que lhe garantiu o apelido de “Bom Ladrão” por parte de alguns críticos e autores, devido as iniciais de seu nome e também pelo fato de pensar que ele roubava dinheiro dos autores por suas impressões na França.

⁸ Baptiste Louis Garnier é o nome completo do livreiro, mas a partir daqui iremos nos referir somente como Garnier, visto que é como o livreiro é referenciado na maior parte da literatura.

⁹ O periódico *Sexo Feminino* era de propriedade de Francisca Senhorinha da Motta Diniz e circulou nos anos de 1873 até meados de 1889, na cidade de Campanha/MG.

Agradecemos ao ilustrado editor o Sr. B. L. Garnier, a oferta deste importante opúsculo, tradução da hábil penna do distinto professor o Sr. Dr. F. da M. de A. Correia. É sem dúvida o Sr. Garnier um dos beneméritos da nossa litteratura pátria; pois graças ao seu esclarecido amor aos progressos litterarios do paiz conta a nossa imprensa constantemente nova e interessantes publicações, que sem tal interferência, como tantos outros manuscritos, pereceriam em perpetuo olvidio. (...) Reiteramos ao Illmo. Sr. B. L. Garnier as expressões do nosso reconhecimento, e offerecemos-lhe sinceras congratulações por mais este passo de adiantamento das nossas letras (*Sexo Feminino*, 29 de julho de 1875, sem identificação de autor).

Vemos essa mensagem de agradecimento a Garnier na publicação do jornal *Sexo Feminino* em que o articulista declara seu agradecimento a ele de forma a exaltar sua importância para tal cenário. O periódico se atinha à educação feminina e trazia artigos relacionados a questões feministas.

Ainda, em outro periódico o livreiro recebe certa crítica, pois como naquela época o Brasil carecia de tecnologia¹⁰ e o livreiro editor imprimia livros e também o próprio *Jornal da Família* em Paris.¹¹ Dessa forma um grupo de trabalhadores gráficos fez um manifesto contra Garnier, que foi retratado por Hellewel (1985), na obra *O Livro no Brasil*.¹²

Desta boa capital envia as obras ao seu grande Paris; lá ela é composta, revista, encadernada, etc. e volta ao Rio de Janeiro; aqui é vendida pelo preço que lhe convém dar a cada exemplar e desta forma a mão-de-obra é sempre estrangeira ao passo que as nossas oficinas tipográficas definham e os tipógrafos brasileiros vêem-se a braços com todas as necessidades e muitos compositores por aí andam sem achar trabalho (Hallewell 1985: 131).

Segundo Pinheiro (2004), que pesquisou sobre a vida e obra de Garnier em sua dissertação de Mestrado, a decisão de Garnier em imprimir na França pode ter origem por quatro motivos:

O primeiro deles era que a sua firma tinha origem em Paris; o segundo refere-se à tentativa de se conquistar um maior público leitor que, por sua vez, preferia os produtos franceses. A terceira razão era de ordem tecnológica, ou seja, após a introdução dos navios a vapor nas rotas do Atlântico Sul, reduziu-se de 75 para 22 dias a viagem para a Europa. O quarto motivo era econômico, já que a impressão francesa era mais barata e de melhor qualidade da que era feita no Rio de Janeiro (Pinheiro 2004: 6).

Pinheiro (2004), ainda diz que devido a sua grande produção no Rio de Janeiro, Garnier solicitou ao Gabinete do Ministério do Império uma condecoração pelo seu reconhecimento e da importância do seu trabalho de livreiro editor para as letras brasileiras e recebeu o título após dois anos.

A loja de Garnier funcionou por quase um século, entre os anos de 1844 a 1934, como relatado anteriormente, e a sua importância é atrelada principalmente pelo progresso

¹⁰ A tecnologia existente na época, no Brasil, era de baixa qualidade, fazendo com que Garnier, imprimissem na França, mais precisamente na sede de sua Livraria.

¹¹ Este periódico era de propriedade de Garnier e circulava concomitante com as publicações que fazia das obras literárias na época, circulando entre os anos de 1863 e 1878.

¹² Obra de grande importância para o contexto editorial no Brasil.

intelectual que o livreiro proporcionou para o século XIX, editando livros famosos, jornais que eram visados, sendo alvo de elogios e críticas nos demais periódicos da época, principalmente quando decidiu se dedicar também a publicações de conteúdos para o público feminino, assim, *do periódico eclético, destinado “a todos”*, passou a investir em um jornal com seções mais restritas: contos, poesias, culinária, higiene e moda, voltado para um único público” (Pinheiro 2004: 9-10).

A busca deste contexto histórico era por romances, livros de religião, obras didáticas, livros infantis e também e sem dúvida os clássicos franceses. Os leitores dessa época, além da Corte, eram os burgueses, jornalistas, editores, literatos e algumas pessoas de classes inferiores, devido à circulação de folhetins de baixo custo, visto que se vivia em uma sociedade escravocrata. A prática de leitura dos clássicos juvenis franceses no Brasil não foi um simples caso de dominação cultural. As traduções para o português e os usos originalíssimos que nossos escritores fizeram deles, em adaptações e recriações, são marcos importantes de nossa literatura para crianças e jovens. Bom exemplo disso são as personagens dos contos de fadas das histórias de Monteiro Lobato e da trilogia da *Condessa de Ségur, Sofia, a Desastrada, As Meninas Exemplares e As Férias*, recontada pelo escritor baiano Herberto Sales.¹³

A partir do século XIX, a porcentagem de analfabetismo (considerando como analfabeto o que não sabe ler e escrever; ou seja, no sentido censitário tradicional), começa a cair no Brasil. No entanto, até 1920, o índice de analfabetismo ainda superava 2/3 de sua população, o que equivalia a 64,9% das pessoas acima de quinze anos. Supõe-se que a taxa de analfabetismo entre as pessoas nessa faixa etária era de 77% na época dos censos de 1872 e 1890 (nessas ocasiões os censos não especificaram idade para o levantamento do analfabetismo). Em 1920 calculava-se o analfabetismo em 65%; trinta anos mais tarde, essa taxa caiu para 50% e levou mais trinta anos para baixar para 25%, em 1980, segundo Ferraro, 2004.

Ainda, devido ao ensino das primeiras letras, que não se dava somente na escola, ampliava o contato de pessoas com livros. Mas a divulgação e as práticas de leituras começaram a expandir, com os jornais, onde circulavam em suas tiragens contos e narrativas ficcionais, além dos folhetins. A criação de espaços físicos para tais hábitos, como bibliotecas, gabinetes de leitura, as tipografias e editoras, como a de Garnier, promoviam rodas de leitura, encontro de intelectuais e escritores para “conversações tranquilas, algumas longas”, como definiu Machado de Assis, propagando assim o hábito, mesmo que esse hábito fosse restrito à classe burguesa.

Da mesma forma, com o surgimento de literatura nas páginas dos jornais, o público leitor que não era da classe burguesa, começou a ter acesso à leitura, pois o meio em que circulavam os escritos era barato e diversificado. Dessa forma, o livreiro editor entrou para a história da literatura nacional ao publicar, pela primeira vez os romances *Ressurreição* (1872), *Helena* (1876) e *Quincas Borba* (1881), de Machado de Assis.

A livraria B.L. Garnier, sob comando do próprio Baptiste Louis Garnier, ainda publicou o primeiro livro de versos, *Crisálidas*, de Machado de Assis. Também publicou a primeira edição do romance *Cinco minutos / A viuvinha* (1860), de José de Alencar. A livraria, já sob comando de Hippolyte, tendo seu nome modificado para H. Garnier, publicou

¹³ Foi jornalista, escritor e também diretor do Instituto Nacional do Livro (1971).

diversas outras edições dos romances de Machado de Assis, como *Iaiá Garcia* (1898), *Dom Casmurro* (1899) *Esaú e Jacob* (1904), *Memorial de Aires* (1908), etc.¹⁴

A editora também lançou as primeiras coleções nacionais de livros infantis traduzidos do francês por autores brasileiros (até então, as traduções vinham de Portugal), como *Viagens Extraordinárias de Júlio Verne*.

Assim,

De tudo podia-se encontrar na Livraria Garnier. Havia livros de religião, de artes militares, medicina, filosofia, direito, política, dicionários e manuais escolares, coleções específicas de autores, entre outros gêneros e outras línguas, como alemão, italiano, inglês, espanhol, grego e latim. Da Europa, os livros chegavam em navios e muitos percorriam longas distâncias a caminho das capitais das províncias, atendendo às encomendas de leitores de todas as partes do Brasil. Em resumo, tratava-se da mais importante livraria da capital do Império, a ponto de Baptiste-Louis ficar conhecido como “o livreiro do Paço” (Hallewell 1985: 50).

Como nos lembra Hallewell (1985) com precisão, teve “a seu crédito a publicação de 665 obras de autores brasileiros” (Hallewell 1985: 217). Desses livros diversos e das valiosas publicações que o livreiro editor concretizou, nasce sua relação com Machado de Assis, a aproximação se deu devido à publicação de *Memórias Póstumas e Quincas Borba* que trouxe visão a seu estabelecimento. Nada se encontra sobre Garnier dar preferência a alguns autores, mas vemos em meio aos escritos de Machado de Assis, o seguinte trecho:

Melhorando de dia para dia, as edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós. Não deixarei de recomendar aos leitores fluminenses a publicação mensal da mesma casa, o *Jornal das Famílias*, verdadeiro jornal para senhoras, pela escolha do gênero de escritos originais que publica e pelas novidades de modas, músicas, desenhos, bordados, esses mil nada tão necessários ao reino do bom tom (Assis 1959: 264).

Ainda:

"O *Jornal das Famílias* é uma das primeiras publicações desse gênero que temos tido; o círculo de seus leitores vai se alargando cada vez mais, graças à inteligente direção do Sr. Garnier" (Assis 1959: 264).

O “Sr. Garnier”, como chamado por Machado de Assis, vigiava tudo por atrás de sua escrivaninha, principalmente seus funcionários. Também durante muito tempo trabalhou para D. Pedro II, fornecendo livros para ele e também para a sociedade, obtendo assim o título de *Comendador da Ordem da Rosa*, ao que indica a literatura essa era a única relação do livreiro com a política e sobre sua vida pessoal e em relação à sua formação, nada foi encontrado, apenas aparece como o livreiro editor.

Garnier morreu em 1893 e nas pesquisas realizadas, tanto no acervo de Machado de Assis, nos livros, quanto na literatura e nos arquivos disponíveis na Internet, achamos homenagens, críticas, elogios, mas pouco causo a respeito de sua morte. O *Estado de São Paulo*, em 4 de Outubro de 1893 e *O Paiz*, em 2 de Outubro, apenas registraram seu

¹⁴ Ressurreição e Cinco Minutos, principais obras publicadas pela livraria de Garnier, até os dias de hoje são publicadas com o selo Garnier.

falecimento e brevemente resignaram poucas linhas para tratar de sua morte, já a *Gazeta da Tarde*, segundo afirma Pinheiro (2004):

[...] lembrou tanto as obras e nomes editados pelo livreiro e os livros didáticos, destinados aos estabelecimentos de ensino da época, quanto o seu perfil profissional (Pinheiro 2004: 3): “homem extremamente methodico e infatigável no trabalho, que nunca abandonou até os seus últimos dias de vida, Garnier era um typo clássico, digno de consideração e estima” (*Gazeta da Tarde*, 2 de outubro de 1893 *apud* Pinheiro 2004: 3).

De acordo com o levantamento que realizamos até aqui, com propósito de traçar um perfil e entender como funcionava o mercado editorial da metade do século XIX, bem como o contexto trabalhista de uma sociedade escravocrata, o que produziam os editores, quais eram os nomes reconhecidos em meio a sociedade literária, assim chegando até o renomado editor Baptiste Louis Garnier, de quem aqui tratamos. Para tanto, iremos partir para nosso objeto de análise, a crônica *8 de Outubro*, de Machado de Assis, para então expor o que aqui propomos, através da relação do homem com o universo do trabalho e da linguagem –do discurso– que é parte constituinte do nosso construto aqui firmado: o discurso sobre trabalho na crônica de Machado de Assis.

Análise: resultados e discussões

O olhar do observador ou do leitor que analisa a crônica em questão, nos leva a interpretar, em um primeiro momento, que o autor apresenta marcas discursivas, refletidas no texto, referentes ao universo do trabalho. A posição do autor, que vemos na crônica *8 de Outubro*, ao tratar da morte do Livreiro-Editor, transparece alocá-lo em uma única esfera. Esta compreendida pelo trabalho apresentar-se indissociado do ser Garnier. Ainda, a crônica parece configurar-se como um réquiem de Machado de Assis para Garnier.

Nas primeiras linhas da crônica, Garnier estaria negando a morte pelo fato de seu corpo ir habitar outra morada, o cemitério, mas mesmo assim sua cabeça estaria na livraria. Vejamos o seguinte trecho:

Segunda-feira desta semana, o livreiro Garnier saiu pela primeira vez de casa para ir a outra parte que não a livraria. Revertere ad locum tuum¹⁵ — está escrito no alto da porta do cemitério de S. João Batista. Não, murmurou ele talvez dentro do caixão mortuário, quando percebeu para onde o iam conduzindo, não é este o meu lugar; o meu lugar é na Rua do Ouvidor 71, ao pé de uma carteira de trabalho, ao fundo, à esquerda: é ali que estão os meus livros, e minha correspondência, as minhas notas, toda a minha escrituração (Assis 1864: 1).

Observando o excerto acima, percebemos que toda a vida de Garnier estaria e se resumiria naquela livraria, mais ainda, a identidade que Machado de Assis atribui a Garnier, como no início da crônica, o chamando de “o livreiro Garnier”, acarreta não apenas em um simples homem trabalhador, dono de uma livraria, mas sim, estabelece significativamente a importância que o livreiro exercia na sociedade daquela época.

¹⁵ Volta para o lugar de onde vieste.

Nesse mesmo trecho, desde o início o cronista estabelece uma relação pessoal com o livreiro, pelo fato de tentar descrever o que estaria Garnier pensando sobre “sua nova morada”, o que nos remete a uma proximidade que leva o cronista a falar por ele e ainda, através dos fragmentos de pronomes possessivos utilizados pelo cronista, como: “(...) é ali que estão os meus livros, e minha correspondência, as minhas notas, toda a minha escrituração” (Assis 1864: 1). Entendemos que Machado de Assis dá voz ao livreiro-editor.

Compreendemos então, a incessante dedicação, dia-a-dia, de Garnier ao trabalho, pois ali estava seu ser, em seu trabalho. As questões levantadas pelo discurso de Machado de Assis nos lançam diretamente ao trabalho ininterrupto do livreiro. Vemos que: “Durante meio século, Garnier não fez outra coisa, senão estar ali, naquele mesmo lugar, trabalhando” (Assis 1864: 1).

O trabalho árduo em contraponto com o descanso é deixado de lado na vida de Garnier. Podemos notar ainda, através desse excerto, o peso de “meio século” e não de cinquenta anos, o trabalho pesa: “Durante meio século, Garnier não fez outra coisa, senão estar ali, naquele mesmo lugar, trabalhando” (Assis 1864: 1). O gerúndio desse excerto remete-nos ao seu trabalho incessante, sempre em movimento, tempo ininterrupto.

Durante meio século, Garnier não fez outra coisa, senão estar ali, naquele mesmo lugar, trabalhando. Já enfermo desde alguns anos, com a morte no peito, descia todos os dias de Santa Teresa para a loja, de onde regressava antes de cair a noite. Uma tarde, ao encontrá-lo na rua, quando se recolhia, andando vagaroso, com os seus pés direitos, metido em um sobretudo, perguntei-lhe por que não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta: *Pourriez-vous résister, si vous étiez forcé de ne plus faire ce que vous auriez fait pendant cinquante ans?*¹⁶ Na véspera da morte, se estou bem informado, achando-se de pé, ainda planejou descer na manhã seguinte, para dar uma vista de olhos à livraria (Assis 1864: 1).

Doente, Garnier não se dispunha a deixar o trabalho, cansado, pouco repousava: “A carteira é que pode ser a mesma, como o banco alto onde ele repousava, às vezes, de estar em pé (...)” (Assis 1864: 1). No fragmento acima, percebe-se mais um vez a proximidade de Machado de Assis com o livreiro, remetendo-nos às suas conversas. Essa, bem como outras, estratégias discursivas é que legitima o discurso do cronista em relação ao que escreve sobre seu amigo, como no seguinte trecho: “(...) perguntei-lhe por que não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta (...)” (Assis 1864: 1).

Machado de Assis também dá voz a um ciclo que se fecha naquela época, relata brevemente toda uma geração que acabava:

Essa livraria é uma das últimas casas da Rua do Ouvidor; falo de uma rua anterior e acabada. Não cito os nomes das que se foram, porque não as conheceríeis, vós que sois mais rapazes que eu, e abristes os olhos em uma rua animada e populosa onde se vendem, ao par de belas jóias, excelentes queijos. Uma das últimas figuras desaparecidas foi o Bernardo, o perpétuo Bernardo, cujo nome achei ligado aos charutos do Duque de Caxias, que tinha fama de os fumar únicos, ou quase únicos. Há casas como a Laemmert e o Jornal do Comércio, que ficaram e prosperaram, embora os fundadores se fossem; a maior parte, porém, desfizeram-se com os donos (Assis 1864: 1).

¹⁶ Tradução livre: Poderias resistir, se fosse obrigado a deixar de fazer aquilo que vens fazendo durante cinquenta anos?

O discurso de Machado de Assis é um discurso de quem viveu, de certa forma, na intimidade com Garnier. Sabia sua forma de pensar, a identidade que possuía, o seu valor ético e moral perante a sociedade e a quem lhe fosse mais chegado.

Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 20 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, nº 69, abaixo da Rua Nova. Não pude conhecê-lo na da Quitanda, onde se estabeleceu primeiro. A carteira é que pode ser a mesma, como o banco alto onde ele repousava, às vezes, de estar em pé. Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia. Com o gesto obsequioso, a fala lenta, os olhos mansos, atendia a toda gente (Assis 1864: 1).

O excerto acima esclarece o tempo de relação que o cronista teve com o livreiro. Foram vinte anos de conversas, de círculo intelectual, de publicações. Garnier era solícito, atendia a toda gente. De todo esse trabalho incessante, deformou-se até o rosto do livreiro, remetendo-nos a uma identidade física e intelectual que Machado de Assis estabelece ao editor, em relação ao seu trabalho árduo. Parece que o trabalho dá uma identidade material, corporal e imaterial e intelectual a Garnier:

Gostava de conversar o seu pouco. Neste caso, quando a pessoa amiga chegava, se não era dia de mala ou se o trabalho ia adiantado e não era urgente, tirava logo os óculos, deixando ver no centro do nariz uma depressão do longo uso deles (Assis 1864: 1).

Outra relação importante atribuída ao universo do trabalho, é que o trabalho não é só trabalho, é também vida social. Através das rodas de conversas e leituras que existiam na livraria de Garnier, também se relacionava, conversava, intelectualizava, ou seja, comungava de valores e afeições com seus clientes: “Das conversações tranquilas, algumas longas, estão mortos quase todos os interlocutores, Liaís, Fernandes Pinheiro, Macedo Joaquim Norberto, José de Alencar, para só indicar estes. De resto, a livraria era um ponto de conversação e de encontro” (Assis 1864: 2).

Testemunho vivo, participante, Machado de Assis continua a demonstrar-se inserido na vida do livreiro: “Já a achei feita; mas vi-a crescer ainda mais, por longos anos” (Assis 1864: 2).

No último excerto da crônica, vemos a importância que Garnier exerceu ajudando a construir esse “país novo”, o qual o cronista nos relata. Ainda, de forma reflexiva, o cronista estabelece relação com o mundo do trabalho de forma pessoal, como podemos ver:

Pessoalmente, que proveito deram a esse homem as suas labutações? O gosto do trabalho, um gosto que se transformou em pena, porque no dia em que devera libertar-se dele, não pôde mais; o instrumento da riqueza era também o do castigo. Esta é uma das misericórdias da Divina Natureza. Não importa: laboremus. Valha sequer a memória, ainda que perdida nas páginas dos dicionários biográficos. Perde a notícia, ao menos, de alguém que neste país novo ocupou a vida inteira em criar uma indústria liberal, ganhar alguns milhares de contos de réis, para ir afinal dormir em sete palmos de uma sepultura perpétua. Perpétua! (Assis 1864: 2).

O descanso seria visto como uma libertação, pois em relação ao livreiro-editor o trabalho representa um ponto positivo, mas o que temos de concepção de trabalho na crônica, é visto ao final como um fardo, quase negativo. Sabemos que o trabalho dignifica o homem e também que o trabalho seria um meio de atingir a liberdade, tudo isso de fato é inferido pelas

palavras do autor, bem como a identidade que Garnier estabelece em suas relações pessoais e sociais, são frutos de uma vida inteira de trabalho.

O que também é discutido ao final da crônica, no excerto acima, são as outras visões de trabalho, como no Éden, em que a expulsão do paraíso e a consequência disso é o trabalho. Nesse contexto o trabalho é visto como castigo e é referenciado pelo cronista: “Esta é uma das misericórdias da Divina Natureza. Não importa: laboremus” (Assis 1864: 2). Machado de Assis recupera o discurso bíblico como faz em boa parte de sua obra, demonstrando que a dimensão laboral é discursada há milhares de anos e forma o ser social.

Considerações

A fervilhante rua do Ouvidor, na capital do estado do Rio de Janeiro, onde outrora foi a pujante livraria de Garnier, agora está já descaracterizada pelas mudanças, mas ainda conta a história do livreiro imortalizado por Machado de Assis. A livraria Garnier, “uma das últimas casas da rua do Ouvidor”, ia-se fechando como se fechavam os olhos de seu dono e do século. Visitar Garnier, não mais como figura humana, mas como inscrição na lápide da pedra e do papel (como antes o era na livraria), retoma a associação realizada por Machado de Assis, em que ninguém deu continuidade ao mercado editorial, como era antes. “Há casas como a Laemmert e o Jornal do Comércio, que ficaram e prosperaram, embora os fundadores se fossem; a maior parte, porém, desfizeram-se com os donos” (Assis 1864: 2).

Dessa forma, a identidade que Garnier possui é fruto de toda uma vida de trabalho. É reconhecido por ele, é referenciado por ele, é famoso por ele, inova através do trabalho, como as tecnologias editoriais trazidas por ele para o Brasil, é entendido e compreendido pelo trabalho. A relação de identidade que Machado de Assis atribui ao livreiro é percebida ao longo da crônica, como uma admiração, uma vez que esse escrito se configura como um réquiem de Machado de Assis para Garnier.

Assim, a crônica que escolhemos para este trabalho, configura-se como um trabalho imaterial e sendo o corpo um órgão de trabalho, mas também um produto deste, como afirma Engels (1986), observaremos na crônica de Machado de Assis a distância que o livreiro teve de sua vida pessoal, em articular, sua vida apenas deu-se e fez-se com sentido, através das suas relações no universo do trabalho, seja nos círculos de leituras, nas publicações, nas conversas informais com intelectuais etc. Pela sua dedicação árdua ao trabalho de editor, parece ver neste uma forma de refúgio, de satisfação, de insatisfação, de dever, de obrigação, de lazer, assim o trabalho na vida do livreiro aparece como uma forma de estilo de vida.

Como ressalta Engels (1986), o trabalho se configura como “a primeira condição básica para toda a existência humana, e isto em tal grau que, em certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (Engels 1986: 12). Decorrente disso, não podemos esquecer também que a linguagem diz as coisas e de certo modo e, que esse modo advém de inúmeras mediações que podem deformar, alterar, parodiar, desacreditar as coisas, ou seja, refratá-la (Fanini, 2012). Como ressalta Fanini (2012) “a materialidade do trabalho adentra o discurso literário que figuratiza essa materialidade a partir de certa perspectiva que pode assumir diversos vieses, sendo revolucionária, crítica ou conservadora” (Fanini 2012: 48).

Referências bibliográficas

Assis, M. (1938), *Crônicas* (1864-1867). Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W.M.Jackoson Editores.

- Assis, M. (1955), *Obras Completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: W.M.Jackson Inc. Editores.
- Assis, M. (2008) “Notícia atual da Literatura Brasileira. Instinto de nacionalidade”. In: *Obra completa em quatro volumes*. 2. ed. Organização de Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahan. Rio de Janeiro: Aguilar.
- Assis, M. (1864), “Ao acaso”. In: *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 out. 1864.
- Bakhtin, M. (2002 [1929]), *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 8. ed. São Paulo: HUCITEC.
- Bakhtin, M. (1997), *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- Candido, A. (1986), *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Engels, F. (1986), “O Papel do trabalho na transformação do macaco em homem”. In: Engels, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. São Paulo: Global Editora.
- Fanini, A. (2012), “O trabalho como fonte de sociabilidade, subjetividade e identidade na obra Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato”. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 47-54, jan./jun.
- Fausto, B. (2001), *História Concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- Ferraro, A; Kreidlow, D. (2004), “Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais”. *Educação e Realidade*, v. 29, n. 2.
- Hallewell, L. (1985), *O livro no Brasil - sua história*. São Paulo: EDUSP.
- Marx, K. (1973), *Elementos fundamentais para la Crítica de la Economía Política*. (Borrador). Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- Pinheiro, A. (2014), “Baptiste Luis Garnier: O Homem e o Empresário”. In: *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: UFF: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/homem.pdf>. (27-10-16).
- Sodré, N. W. (1966), *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Voltarelli, M. y Cortez, G. (2011), “A crônica em Machado de Assis e Rubem Braga: um reflexo da realidade política e social de uma época”. In: *Entretextos*, Londrina, 11 (1): 54-83.
- Zilberman, R; Lajolo, M. (1999), *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.